

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημῶς ἐπισημασθέντος
καὶ τῆς ἐπισημῆς ἐπισημῆς ἐπισημῆς ἐπισημῆς ἐπισημῆς
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

nas suas modalidades combinadas de canto, dança e toque instrumental, entendendo-a à luz de um contexto simultaneamente religioso e pagão, averiguando com o máximo de rigor e isenção as vertentes lúdicas, mágicas e funerárias das manifestações melódicas. Pérez Arroyo logrou ainda inventariar os nomes e os túmulos dos indivíduos (masculinos e femininos) que exerceram as funções de cantores (como Nefer e Kahai), harpistas, flautistas e dançarinos na corte régia, assim como nas residências de dignitários da elite dirigente central e provincial. Sublinhe-se que nas mastabas privadas de Sakara e de Guiza se descobriu abundante acervo epigráfico, artístico e arqueológico; o que mais avultam nesses monumentos são inequivocamente os já mencionados relevos parietais, dos quais muitos constituem belíssimas evocações plásticas da música instrumental, do canto, da dança e dos seus respectivos intérpretes. A julgar pelo teor de várias inscrições tumulares e de outras fontes coetâneas, no antigo Egipto os músicos gozavam de certo estatuto social (facto devido ao grau de proximidade face aos soberanos e aos altos funcionários) e de alguns benefícios a nível económico.

Em suma, a obra *Egipto: La Música en la Era de las Pirámides* significa um notável contributo para o estudo da musicologia egípcia. Pese embora a sua especificidade temática, o texto remete-nos para toda uma pluralidade de outros assuntos interligados (de cariz religioso, social e cultural), o que, no seu todo, possibilita a captação de perspectivas inovadoras e peculiares sobre a Época Arcaica e, principalmente, o Império Antigo.

Pedro de Abreu Malheiro

AIDAN DODSON e DYAN HILTON, *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, Londres, Thames & Hudson, 2004, 320 páginas, com mais de 300 ilustrações, das quais 90 a cores. I.S.B.N 0-500-05128-3.

É caso para perguntar se Aidan Dodson terá, porventura, mais horas disponíveis para trabalhar do que os seus colegas: com efeito, para além de leccionar no Departamento de Arqueologia da Universidade de Bristol, realiza palestras pelo mundo fora e, com certa regularidade, conduz visitas de grupos de turistas e estudantes no Egipto. Resta-lhe ainda tempo para pesquisar afincadamente e dedicar-se à escrita, tendo um ritmo de produção de artigos e livros (tanto científicos como de cariz divulgativo) quase assustador.

Contudo, neste livro, o seu mais recente *tour de force*, Dodson beneficiou da hábil ajuda da sua esposa (também egiptóloga), Dyan Hilton, co-autora. Após o prefácio e a introdução, Dodson e Hilton entram a fundo no tema, mas tendo o cuidado de apresentar um conjunto de apreciações preliminares (principalmente úteis para os leitores comuns e não especialistas) ou de linhas norteadoras acerca da organização do «Estado faraónico» (pp. 10-23) e da composição da «Família real» (pp. 24-37), aproveitando para lançar esclarecedoras achegas sobre a «esposa do rei», a «mãe do rei», o «filho do rei», a «filha do rei», a «irmã do rei», o «pai do rei» e, por fim, o «harém». Estas duas parcelas são secundadas por uma secção denominada «Agrupamentos genealógicos» (pp. 38-42), que nos permite compreender a formação ou constituição das famílias régias no seu devido contexto dinástico e cronológico.

Depois surgem os capítulos propriamente ditos, em número de cinco: (1) «Época Arcaica e Império Antigo» (pp. 43-78); (2) «Primeiro Período Intermediário, Império Médio e Segundo Período Intermediário» (pp. 79-120); (3) «Império Novo» (pp. 121-194); (4) «Terceiro Período Intermediário» (pp. 195-240) e, por último, (5) «Época Baixa e Período Ptolemaico» (pp. 241-281). Em cada um destes capítulos, os Autores oferecem breves panorâmicas históricas das épocas ou períodos em questão, discutem aspectos pertinentes a respeito dos moldes da sucessão régia (aflorando de permeio a vertente ainda muito debatida das co-regências) e examinam fontes elucidativas quanto aos laços de parentesco no seio da família real. De quando em vez, abordam áreas de particular interesse, algumas delas controversas, que suscitam fortes divergências na comunidade científica egiptológica.

Ao longo do desfile das dinastias, Dodson e Hilton tiveram, em cada uma delas, o meritório zelo de facultar ao leitor resenhas biográficas das personagens mais relevantes e influentes ao tempo (príncipes, princesas e dignitários aparentados por via matrimonial à família régia), além de incluírem detalhadas árvores genealógicas, nas quais constam todos os indivíduos cujas relações de parentesco face à casa real são conhecidas ou, então, estimadas de acordo com processos dedutivos escorados em documentação antiga. Tais secções, por sua vez, acham-se rematadas por uma extensa lista de nomenclaturas e titulaturas em egípcio, acompanhadas da respectiva tradução para língua inglesa e de elucidativos comentários adicionais.

Ao *corpus* principal da obra seguem-se um mapa (p. 282), as «Notas de Texto» (pp. 283-286), «Quadros Cronológicos» (pp. 287-294, talvez dos mais circunstanciados publicados até à data sobre o

antigo Egípto), a «Bibliografia» (pp. 295-303), uma «Adenda» (p. 304) e, obviamente, o «Índice» (pp. 306-320).

O capítulo 1 foi certamente dos mais difíceis de redigir. Dodson e Hilton conseguiram, apesar de tudo, coligir dados à luz do conteúdo de inscrições coevas e dos informes proporcionados por recentes achados arqueológicos em Umm el-Qaab, Elefantina, Sakara, Abusir e Guiza, consubstanciando-os num texto objectivo, coerente e muito actualizado.

Prova disso mesmo é a maneira como os Autores abordaram a I e a II dinastias e, principalmente, a III: a reconstituição que expõem da sequência dos reis desta última reflecte a filiação em teorias não há muito formuladas tanto por egiptólogos alemães e franceses como britânicos, designadamente W. Helck, W. Kaiser, G. Dreyer, M. Zimmermann, M. Bommas, M. Baud, C. Ziegler e T. A. H. Wilkinson.

Contrariamente ao que diversos estudiosos ainda sustentam, urge, mercê de importantes testemunhos epigráficos e arqueológicos, que a ordem dos monarcas da III dinastia seja objecto de uma revisão meticulosa; em função desses novos elementos, os Autores colocam à cabeça deste grupo dinástico Netjerikhet Djoser, que, efectivamente, terá sido o fundador do mesmo, e não Sanakht Nebka, que passará para penúltimo lugar na ordem dos soberanos; ademais, existe toda a probabilidade de Sekhemkhet haver sido o imediato sucessor de Djoser. Ora esta interpretação, a estar correcta, torna necessária uma reavaliação de todos estes monarcas e respectivos reinados. No tocante às IV, V, e VI dinastias, os Autores descortinaram engenhosamente os intrincados elos ou cadeias de parentesco nas famílias dos reis Seneferu, Khufu, Djedefré, Khafré, Menkauré, Sahuré, Niuserré, Pepi I, Merenré ou ainda Pepi II. Se, numa primeira fase, que abrange a III e a IV dinastias, se assiste a uma nítida preponderância de familiares dos monarcas na ocupação dos mais altos cargos ou funções do poder central, numa segunda (aproximadamente desde meados da V dinastia), regista-se um processo crescente mais baseado na «meritocracia» do que nos laços de sangue.

No capítulo 2, Dodson e Hilton também oferecem valiosos contributos, particularmente no seu esforço clarificador do Primeiro Período Intermediário e do Império Médio e do Segundo Período Intermediário (arredando deliberadamente muitas das ideias tradicionais ainda hoje vigentes e adoptadas por alguns egiptólogos); praticamente o mesmo se poderá dizer do capítulo 3, dedicado ao Império Novo, no qual os Autores reservaram espaço para carreamentos argumentos inovadores e plausíveis (sobretudo quanto à XVIII e a XIX dinastias). No que con-

cerne aos capítulos 4 e 5, comparativamente aos demais, apresentam-se mais reduzidos e encerram menos novidades analítico-interpretativas.

Uma das conclusões que extraímos desta obra relaciona-se com os rótulos de «Império» e «Dinastia»: são termos que, por convenção e motivos de simplificação expositiva, continuam a ser empregues, embora se afigurem frequentemente artificiais e enganadores ante a própria subjectividade da história humana: como exemplo, basta apontarmos o caso respeitante ao final da Época Arcaica e o começo do Império Antigo; o derradeiro soberano da II dinastia, Khasekhem/Khasekhemui foi, tudo leva a crer, o progenitor do fundador da III dinastia; conseqüentemente, em vez de ruptura houve continuidade entre ambos os períodos.

De todos os livros relacionados com a civilização faraónica publicados pela editora Thames & Hudson – *The Complete Tutankhamun*, *The Complete Valley of the Kings*, *The Complete Pyramids*, *The Complete Gods and Goddesses* e *The Complete Temples* – este será, provavelmente, um dos mais «completos», ainda que longe de representar uma abordagem definitiva, em virtude das muitas dúvidas, incertezas e lacunas informativas que subsistem neste e noutros âmbitos temáticos do antigo Egipto. Seja como for, pela qualidade e rigor da obra, estamos certos que constituirá um magnífico manual de consulta tanto para leigos como para especialistas.

Pedro de Abreu Malheiro

REBECCA LANGLANDS, *Sexual Morality in Ancient Rome*, Cambridge, University Press, 2006, 399 pp. ISBN- 0-521-85943-3.

Além dos há já muito internacionalmente reconhecidos, a chancela da Cambridge University Press tem também o mérito de ter publicado durante o ano de 2006 um estudo de Rebecca Langlands, professora do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Exeter, dedicado à moral no pensamento da Roma Antiga. Como se infere do que escreve a própria A., o trabalho em causa é fundamentalmente uma investigação no domínio da história das mentalidades e dos comportamentos sócio-culturais, em que o ponto de partida é o vocabulário linguístico. Efectivamente, como sempre defendemos, os historiadores, em especial os da Antiguidade, não podem olvidar que a língua é o veículo privilegiado para a transmissão das ideias, das crenças e do pensamento em geral, pelo que é no domínio linguístico que primeiro se devem buscar as informações que nos permitem com-